

**I Seminário Internacional de Educação do Campo e Educação em Territórios Rurais
II Seminário Nacional de Educação Popular e Movimentos Sociais do Campo
VI Encontro de Pesquisas e Práticas em Educação do Campo da Paraíba**

Eixo Temático: O estudo das Linguagens em Territórios do Campo, Quilombola e Indígena

A POÉTICA INDÍGENA DE ELIANE POTIGUARA COMO FERRAMENTA EDUCATIVA E DE RESISTÊNCIA

ELIANE POTIGUARA'S INDIGENOUS POETICS AS AN EDUCATIONAL AND RESISTANCE TOOL

PEREIRA, Mariana Mota de Freitas ¹
OLIVEIRA, Tatiane Pires de ²
ARAGÃO, Patrícia Cristina de ³

Resumo: O presente trabalho busca discutir a perspectiva de Eliane Potiguara (2018) acerca do lugar reservado ao indígena na narrativa histórica, apontando o potencial educativo de sua poética através da análise das problemáticas presentes em seus versos e que são trabalhadas como forma de resistência cultural e afirmação identitária. Para isso, foi desenvolvida uma análise bibliográfica e documental de caráter interpretativo, explorando os poemas “Pankararu” e “Eu não tenho minha aldeia” e alicerçando a discussão através dos estudos de Candau (2020), Molina e Sá (2012), Graúna (2013) e Farias & Leal (2019).

Palavras-chave: Literatura indígena. Educação. Território do Campo. Cultura. Resistência.

Abstract: The present work seeks to discuss the perspective of Eliane Potiguara (2018) regarding the place reserved for indigenous people in the historical narrative, indicating the potential for education of her poetics through the analysis of the problems present in her verses; problems that are worked on as a form of cultural resistance and identity affirmation. To this end, a bibliographic and documentary analysis of an interpretative nature was carried out, exploring the poems “Pankararu” and “Eu não tenho minha aldeia” and basing the discussion on the studies of Candau (2020), Molina and Sá (2012), Graúna (2013) and Farias & Leal (2019).

Keywords: Indigenous literature. Education. Countryside Territory. Culture. Resistance.

INTRODUÇÃO

¹Graduanda em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Campina Grande, Paraíba, Brasil. Email: mariana.freitas@aluno.uepb.edu.br

² Graduada em História pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Campina Grande, Paraíba, Brasil. Email: tatiane.pires@aluno.uepb.edu.br

³ Professora titular do departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Campina Grande, Paraíba, Brasil. Email: patriciaaragao@servidor.uepb.edu.br

No cenário brasileiro, a literatura construída por autoras e autores indígenas, é pouco conhecida e discutida nos ambientes escolares. Compreendemos que por séculos, a imagem representada sobre os povos indígenas na literatura nacional foi descrita através da perspectiva do colonizador, apresentando estereótipos que foram utilizados por muito tempo como parâmetros para representar os povos originários. Dessa forma, a literatura de Eliane Potiguara surge como uma manifestação de luta pela preservação dos costumes e das heranças ancestrais dos povos indígenas, buscando uma afirmação identitária do seu povo.

Diante disso, a presente pesquisa tem como objetivo, a partir da leitura dos poemas “Pankararu” e “Eu não tenho minha aldeia” contidos no livro “Metade cara, metade máscara”, analisar e discutir a perspectiva de Eliane Potiguara sobre o lugar do seu povo na sociedade brasileira, apontando o potencial pedagógico da literatura indígena para a educação no campo. Este estudo faz parte do projeto de pesquisa “Nos territórios dos encantados: Memória e ancestralidade na literatura indígena em tessituras do ensino de História” vinculado ao PPGFP CNPq, coordenado por Patrícia Cristina Aragão, da Universidade Estadual da Paraíba, campus I (UEPB). Para alicerçar esta análise, foram utilizados como referencial teórico Candau (2020), Molina e Sá (2012), Graúna (2013) e Farias & Leal (2019).

METODOLOGIA

A presente pesquisa foi desenvolvida através do método qualitativo de análise bibliográfica e documental, configurando-se com caráter interpretativo. Para a base do trabalho, utilizou-se da análise dos poemas “Pankararu” e “Eu não tenho minha aldeia” da escritora indígena Eliane Potiguara (2018).

LITERATURA INDÍGENA DE ELIANE POTIGUARA NA EDUCAÇÃO

A família da escritora indígena Eliane Potiguara foi alvo da diáspora ocorrida devido à usurpação das terras, precisando deslocar-se para o Rio de Janeiro. Graduada em Letras, enveredou-se pelos caminhos da literatura, tornando-se uma das principais precursoras da escrita da literatura de autoria indígena no Brasil, produzindo histórias de seu povo na tentativa de reconstruir o elo entre sua ancestralidade e a sua identidade.

Através disso, construiu narrativas de resistências e autoafirmação diante da repressão, violência e silenciamento sofrida na trajetória de seu povo.

Dessa forma, sua literatura contribuiu para a publicização do conhecimento sobre a cultura indígena de forma ampla e, assim, podendo ser introduzida ao ambiente escolar com o objetivo de produzir um movimento de desconstrução de estereótipos e, como também, constitua como ferramenta de manutenção da memória do povo Potiguara. Um movimento que reafirma o compromisso da educação brasileira com a cultura e a preservação da identidade dos povos originários, apresentando narrativas de escritores indígenas e contribuindo na construção do conhecimento, tendo como objetivo “superar a fragmentação tradicional que dá centralidade à forma disciplinar e mudar o modo de produção de conhecimento na universidade e na escola do campo” (Molina; Sá, 2012, p. 469).

Sendo a partir da inclusão de escritoras indígenas nas escolas do campo, que se torna possível o fortalecimento das relações de equidade entre os grupos que compõem a sociedade brasileira, contribuindo para o desenvolvimento de uma educação que busca que “as diferenças sejam dialeticamente incluídas” (Candau, 2020, p. 39). Portanto, a inclusão da narrativa literária de Eliane Potiguara no ambiente escolar do campo proporcionará a reconstrução dos conhecimentos que historicamente foram articulados através do olhar do colonizador, apresentando novas perspectivas sobre os acontecimento histórico.

LITERATURA INDÍGENA: FERRAMENTA DE RESISTÊNCIA E PRESERVAÇÃO DA CULTURA

Os poemas “Pankararu” e “Eu não tenho minha aldeia” que propomos analisar estão contidos no livro “Metade cara, Metade máscara” publicado pela editora Grumin em 2018. De início, analisaremos o poema “Eu não tenho minha aldeia”, enfatizando as críticas históricas e sociais da posição indígena desenvolvidas pela autora e o potencial educativo da narrativa para as aulas de História dentro da educação do campo. A aldeia para o povo Potiguara é lugar da memória e da ancestralidade. É uma herança familiar, passada por gerações e que mantém viva as suas singularidades. Ambiente capaz de ensinar e aprender os principais valores culturais e a partir da coletividade desenvolver o respeito e a tolerância com os diferentes.

Eu não tenho minha aldeia/ Minha aldeia é minha casa espiritual/
Deixada pelos meus pais e avós/ A maior herança indígena./Essa casa
espiritual/ É onde vivo desde tenra idade/ Ela me ensinou os verdadeiros
valores/ Da espiritualidade/ Do amor/ Da solidariedade/ E do verdadeiro
significado/ Da tolerância. (POTIGUARA, 2018, p.51)

Ao reafirmar as tradições e memórias do povo Potiguara, a escritora desenvolve uma literatura de afirmação e resistência cultural, promovendo o fortalecimento da identidade dos indivíduos ao reencontrar as concepções simbólicas de suas origens. Ao ser utilizado no ambiente escolar, o poema permite o fortalecimento das subjetividades indígenas e as noções de pertencimento e representação de sua cultura. Sendo através do contato com esses conhecimentos que podemos construir uma educação que permita uma maior clareza e compreensão da cultura do outro.

Além disso, a autora desenvolve duas críticas sociais e históricas pertinentes: A noção de que os povos indígenas desfazem das singularidades culturais por retirar-se da aldeia e evidencia as migrações forçadas pela colonização e neocolonização que estes foram e são alvos. Nos versos: “Mas eu não tenho minha aldeia/ E a sociedade intolerante me cobra/ Algo físico que não tenho/ Não porque queira/ Mas porque de minha família foi tirada/ Sem dó, nem piedade.” (Potiguara, 2018, p. 151), reconhecemos que é uma narrativa de denúncia frente a problemas sociais e históricos. Em primeiro plano, é importante reconhecer que no mundo globalizado e após a imposição de uma cultura sobre a outra, os indígenas naturalmente integram-se a esta realidade de diferentes formas, mas isso não significa o abandono das suas identidades Graúna argumenta que,

É possível dizer – dentro da percepção indígena – que o índio não deixa de ser ele mesmo em contato com o outro (o não índio), ainda que o(a) indígena more numa cidade grande, use relógio e Jeans, ou se comunique por um celular; ainda que uma parábola pareça. ao outro, um objeto estranho ou incompatível com a comunidade indígena; ainda que nos deparemos com o indígena nos caminhos da internet em plena comunicação de aldeias (aparentemente) virtuais; mesmo assim, a indianidade permanece, porque o índio e/ou a índia, onde quer que vá, leva dentro de si a aldeia. (GRAÚNA, 2013, p.59)

A narrativa poética de Potiguara (2018) busca a aniquilação de visões estigmatizadas e intolerantes sobre os povos indígenas, evidenciando que as culturas não são estáticas ou imutáveis. Tornando-se indispensável repensar o modo como as culturas indígenas são representadas no ambiente escolar, de modo que seja possível a compreensão acerca de sua ancestralidade e resistência frente às imposições culturais presentes no

contato com o colonizador e evidenciando a permanência de suas particularidades culturais.

Ao afirmar “Mas porque de minha família foi tirada / Sem dó, nem piedade.” (Potiguara, 2018, p. 151), percebemos que desenvolve uma crítica sobre o processo histórico de colonização e expropriação de terras indígenas, evidenciando a violência e as consequências negativas que o contato com branco repercutiu para os povos originários. As invasões ao território indígena, além de terem gerado uma destruição massiva do espaço sagrado, também forçou o deslocamento desses povos, conferindo ao indígena o desafio de manter sua cultura longe de sua terra. Outrossim, a escritora também nos mostra o seu sentimento conflituoso em relação à noção do “estar em casa”. Através do poema “Pankararu”, entende-se como o processo de usurpação das terras indígenas interferiu no sentimento de pertencimento dos povos originários. Em sua narrativa, a escritora explicita sua angústia e desconforto em relação ao seu sentimento de não pertencimento ao ser retirada de seu lugar e colocada no limbo.

O indígena integrado à cidade ainda, é tratado de forma marginalizada. Como se sentir pertencente a um espaço que não lhe vê e não lhe entende a partir de suas singularidades? Nos versos: “Nós somos marginais das famílias / Somos marginais das cidades / Marginais das palhoças... / E da história?” (Potiguara, 2018, p. 62), a escritora discute de forma implícita como o indígena no “mundo do branco” tem sua origem censurada e reprimida, sua história e importância é diminuída em um projeto que consiste em seu apagamento.

No trecho “Não somos daqui / Nem de acolá... / Estamos sempre ENTRE / Entre este ou aquele / Entre isto ou aquilo!” (Potiguara, 2018, p. 62), desenvolve-se uma compreensão do distanciamento forçado do indígena que o incumbiu de assumir um lugar no “entre”. Esse rasgo em sua história o fez ocupar um lugar em que não se vê compreendido, pois o espaço que se configura como berço de sua origem lhe foi retirado, forçando-o a assimilação da cultura do outro. Esta absorção da cultura do “homem branco” é reinterpretada de modo que se torna ferramenta de resistência e preservação da identidade do seu povo, evidenciando sua luta e cultura.

[...] é justamente através da escrita em língua portuguesa, instrumento consolidado por meio da colonização, que Eliane encontra um refúgio, um meio de se expressar, um instrumento de luta por direitos e uma forma de resgate da ancestralidade e da espiritualidade indígenas (FARIAS; LEAL, 2019, p. 109-110)

Compreende-se que o indígena fortalece suas tradições por meio da oralidade, eles não precisam da escola e da escrita para contar suas histórias (Almeida, 2009, p.78). Porém, destituídos de seu território, a ferramenta da escrita é ressignificada, sendo utilizada de modo que o ajude a representar o seu universo de dentro para fora. Segundo Farias e Leal (2019), Eliane Potiguara utiliza a escrita como ferramenta de luta por seus direitos, resgata e fortalece a ancestralidade e espiritualidade indígena.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A poética indígena foi compreendida como uma ferramenta de resistência e preservação da identidade e cultura, configurando-se como importante material didático no contexto da educação do campo, porque possibilita a percepção acerca da luta pelos direitos e conhecimento sobre os costumes e cultura Potiguara. Dessa forma, inserida no contexto educacional proporcionará uma visão analítica acerca da vivência dos povos indígenas, compreendendo a realidade de comunidades que foram retiradas do seu território e obrigadas a utilizar dos costumes do outro para fortalecer o elo com a sua própria origem, abrindo margem para uma identificação dos discentes e conhecimento da resistência e luta de seu povo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Inês de. **Desocidentada: experiência literária em terra indígena**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Didática, Interculturalidade e Formação de professores: desafios atuais. **Revista Cocar**, n.8. Jan./Abr./, 2020, p.28-44. Disponível em: <<https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/3045>> Acesso em: 25 de set de 2024

FARIAS, M. B. F.; LEAL, I. G. G. O canto de Eliane Potiguara em Metade cara, metade máscara. **Fórum Lit. Bras.** Contemporânea, Rio de Janeiro, v. 11, nº 21, p. 107-29, jan.-jun. 2019.

GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

MOLINA, Mônica Castagna; SÁ, Laís Mourão. Licenciatura em Educação do campo. In: CALDART, Roseli Salete et al. (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, p.466-472, 2012.